

RESENHA

BEZERRA, C. **Conhecimento, Riqueza e Política**: um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da Filosofia da Práxis de Gramsci. Maceió/AL: EDUFAL, 2009.

Sandra Regina Paz da Silva¹

O livro **Conhecimento, Riqueza e Política**: um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da Filosofia da Práxis de Gramsci, de Ciro Bezerra, lançado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas, insere-se dentre os estudos que buscam, de forma primorosa, contemporaneizar o poder explicativo e de análise do pensamento social marxiano. Nele, empreende-se um esforço que realça a perspectiva de Marx e de Gramsci de ciência, conhecimento e de processos educativos que se efetivam nas relações sociais e em instituições especializadas, vinculadas à superação da sociedade capitalista e à emancipação humana.

A obra tem dois objetivos básicos. O primeiro é analisar a relação trabalho e educação sob os fundamentos da teoria do valor trabalho, formulada por Marx, valendo-se, sobretudo, das categorias fetichismo e reificação, para explicar a dialética das relações sociais (infraestrutura) com as formas sociais (superestrutura), no âmbito do processo de produção e apropriação social de conhecimentos. O outro objetivo consiste em demonstrar os limites e possibilidades que o sistema escolar oferece para a construção de uma sociedade emancipada, mostrando os obstáculos éticos e políticos para se efetivar um projeto histórico, apoiando-se na *filosofia da práxis* de Gramsci. Entretanto, a obra não se esgota nesses objetivos; ela também demonstra porque a atividade pedagógica e intelectual é trabalho humano, tal como Marx e Engels compreendem esta categoria, como “atividade humana sensível”.

Para dar conta dos objetivos, o autor problematiza como, na modernidade capitalista, o trabalho pedagógico é, simultaneamente, um processo de socialização de conhecimentos e valorização do capital variável, isto é, da força de trabalho. É uma mercadoria especial que o processo de trabalho pedagógico transforma em profissional. As profissões são, assim, problematizadas, pelo autor, como máscaras que a mercadoria força de trabalho

assume no atual contexto da modernidade contemporânea. Ou seja, máscaras que se encarnam nas pessoas através de um complexo processo de personificação socioprofissional ou qualificação profissional. Para aprofundar tal problemática, o estudo encontra-se estruturado em dois capítulos que buscam enfatizar a complexidade das formas de apropriação do trabalho intelectual pelo capital.

Não obstante, o primeiro capítulo de *Conhecimento, Riqueza e Política* revela, em detalhes, como a dominação do capital plasma os diversos tempos e espaços pedagógicos reduzindo, nessa dominação, o trabalho pedagógico a um tempo homogêneo, monocultural e seriado, referenciado na medida específica que o quantifica na hora/aula. A hora/aula é, na perspectiva do autor, a forma que o capital encontrou para converter os socializadores de conhecimentos em assalariados e, portanto, em mercadorias. O conhecimento, fonte de enriquecimento da força de trabalho, pode ser produzido e apropriado num tempo socialmente necessário, período em que a mercadoria força de trabalho é valorizada e qualificada para atender às exigências do mercado de trabalho, processo que transforma o discente em capital variável. As questões norteadoras desse primeiro capítulo são: como ocorre o enriquecimento da força de trabalho pelo trabalho pedagógico que se realiza nas unidades de produção e apropriação social de conhecimentos? Como se operam a dominação e a exploração do capital nas unidades que socializam os conhecimentos, admitindo-se as relações sociais de produção e as formas sociais das instituições de ensino?

Com a teoria social de Marx, realizou-se uma crítica ao sistema educacional capitalista, desvendando o “invólucro mítico” da trama categorial que se dá entre trabalho pedagógico, diploma e certificado, mediados pelas formas sociais decorrentes das relações de produção entre capitalistas da educação, força de trabalho docente e força de trabalho discente.

O segundo capítulo tem a intenção de avaliar a possibilidade éticopolítica de superar a dominação do capital, valendo-se das teses do próprio Marx, que admite, nas teses sobre Feuerbach, que as contradições teóricas não são resolvidas nesse campo, senão através de uma ação prática dos seres humanos; e toda ação prática não é outra coisa que ação política. Com esse argumento, o autor entende que Marx politiza a produção e apropriação do conhecimento. Isso significa que a socialização dos conhecimentos não se realiza de forma neutra, sem juízo de valor, indiferente às lutas de classe, mas se move dentro dessas lutas e, portanto, fortalece as classes fundamentais em colisão. Assim, o segundo

capítulo de *Conhecimento, Riqueza e Política* revela, portanto, a imbricação entre a apropriação de conhecimento, entendido este como insumo do saber-fazer valores de uso e transferido a estes valores pelo trabalho humano, aprimorado na apropriação de conhecimentos.

Contudo, o segundo capítulo também ressalta a tese original, desenvolvida por Gramsci, acerca do trabalho humano e sua condição de ele possuir princípio educativo ou pedagógico que desenvolve a personalidade do trabalhador. Princípio que também se faz presente no trabalho educativo e que pode fortalecer a sujeição ou emancipação dos sujeitos pedagógicos na ação formadora da educação escolar. Desse modo, o autor entende que a tese do intelectual orgânico precisa estar associada à *teoria da filosofia da práxis e do campo das forças políticas* para percebermos a dimensão dos obstáculos ao projeto emancipatório na modernidade, postos pelo capital. A *teoria do campo das forças políticas* de Gramsci, para o autor, reflete a complexidade de subverter a ordem do capital, qual seja: os processos de fetichização e reificação responsáveis pela docilização do trabalhador assalariado, que se operam desde as instituições educacionais, pelo sistema formal de educação, e que são repostos pelos diversos complexos sociais onde se estabelecem as relações de dominação entre as classes.

Contudo, o livro é resultado de estudos e pesquisas que, pela sua densidade teórica e pela força de colocar o conhecimento e a ciência a serviço da luta política para construir uma sociedade mais justa e humana, torna-se leitura obrigatória a todos aqueles que estão comprometidos com a emancipação humana. É, pois, uma obra de interesse para formar intelectuais de novo tipo nas universidades, escolas, movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos. E, na tarefa ético-política, esse interesse pode ser vinculado à superação do sistema capitalista.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da UFPE